

Ensaio de Micro-História, trajetórias e imigração



Maíra Ines Vendrame
Alexandre Karsburg
Paulo Roberto Staudt Moreira
(Orgs.)

Ensaio de Micro-História, trajetórias e imigração



2016

© 2016 – Editora Oikos Ltda.
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau
93120-020 São Leopoldo/RS
Tel.: (51) 3568.2848 / 3568.7965
contato@oikoseditora.com.br
www.oikoseditora.com.br

Coleção *Estudos Históricos Latino-Americanos – EHILA*

Direção:

Eliane Cristina Deckmann Fleck (Coordenadora do PPGH-Unisinos)
Luiz Fernando Medeiros Rodrigues (Editor – Linha de Pesquisa Sociedades Indígenas, Cultura e Memória)
Maíra Ines Vendrame (Linha de Pesquisa Migrações, Territórios e Grupos Étnicos)
Marluza Marques Harres (Linha de Pesquisa Poder, Ideias e Instituições)

Conselho Editorial:

Eduardo Paiva (UFMG)
Guilherme Amaral Luz (UFU, Uberlândia, MG)
Horacio Gutiérrez (USP)
Jeffrey Lesser (Emory University, EUA)
Karl Heinz Arenz (UFGA, Belém, PA)
Luis Alberto Romero (UBA, Buenos Aires, Argentina)
Márcia Sueli Amantino (UNIVERSO, Niterói, RJ)
Marieta Moraes Ferreira (FGV, Rio de Janeiro, RJ)
Marta Bonaudo (UNR)
Rodrigo Patto Sá Motta (UFMG)
Roland Spliesgart (Ludwig-Maximilians-Universität München)

Editoração: Oikos

Revisão: Autores e Organizadores

Capa: Juliana Nascimento

Imagem da capa: “A aldeia: paisagem com agricultores”, de Pieter Bruegel (o jovem)
(1564-1636)

Arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Impressão: Rotermund

E59 Ensaio de micro-história: trajetória e imigração. / Organizadores: Maíra Ines Vendrame, Alexandre Karsburg e Paulo Roberto Staudt Moreira. – São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016.
380 p.; il.; 14 x 21cm. – (Coleção Estudos Históricos Latino-Americanos – EHILA)
ISBN 978-85-7843-660-5
1. Historiografia. 2. História – Itália. 3. História – Brasil. 4. História – Rio Grande do Sul. 5. Migração. 6. Imigração. 7. História oral . I. Vendrame, Maíra Ines. II. Karsburg, Alexandre. II. . III. Moreira, Paulo Roberto Staudt

CDU 931

Catálogo na publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

Sumário

Apresentação 7

Parte I: Sobre a Micro-História: caminhos e perspectivas

30 anos depois: repensando a Micro-História 18
Giovanni Levi

A longa marcha da Micro-História: da política à estética? 32
Maurizio Gribaudi

História Oral e Micro-História 52
Alessandro Casellato

História Total *versus* Global History: a historiografia
antes e depois da queda do Muro de Berlin 72
Giovanni Levi

Parte II: Estudos de Trajetórias

Investigação e formalização na perspectiva
da Micro-História 86
Alexandre Karsburg
Máira Ines Vendrame

Entre o duque de Caxias e dois capitães pardos:
escolha biográfica e escrita da história 114
Adriana Barreto de Souza

A feiticeira do litoral: comunidade, crença e gênero
(século XIX) 131
Nikelen Acosta Witter
Paulo Staudt Moreira

Arqueologia do Sagrado: crenças, histórias e mitos do Cariri ... 167
Edianne dos Santos Nobre

Parte III: Contribuições da Micro-História para o estudo das e/imigrações

Storia e Microstoria al tempo di internet 194

Emilio Franzina

“Entre idas e vindas”: a contribuição da Micro-História
para o estudo da migração entre Portugal e o Brasil 211

Ana Silvia Volpi Scott

Parentela y paisanaje en la emigración zamorana
a la Argentina a comienzos del siglo XX 234

Alejandro Fernández

Inmigración y familia: una mirada desde las redes
de inmigrantes italianos en la Argentina 269

Mariela Ceva

Parte IV: Ensaios de Micro-História

Redes mercantis e familiares na Porto Alegre do século XIX 292

Gabriel Santos Berute

Vozes da Ordem: proprietários, trabalhadores livres
e escravos na fronteira meridional do Brasil
(Alegrete 1827-1850) 319

Luís Augusto Farinatti

“Entre o local e o global”: imigração, relações sociais
e perfil ocupacional dos estrangeiros na cidade de Pelotas
(1850-1890) 338

Jonas Moreira Vargas

Resenha Crítica

“A história de Pierina” 363

Máira Ines Vendrame

Sobre os autores e as autoras 375

“Entre o local e o global”: imigração, relações sociais e perfil ocupacional dos estrangeiros na cidade de Pelotas (1850-1890)¹

Jonas M. Vargas

Introdução

Tradicional objeto de estudo na historiografia gaúcha, a imigração europeia para o Rio Grande do Sul tem recebido importantes análises nos últimos anos. Neste sentido, a micro-história italiana tem auxiliado os pesquisadores na compreensão deste fenômeno histórico, possibilitando uma maior aproximação do comportamento dos diversos agentes, famílias e grupos sociais envolvidos em tais contextos sociais (VENDRAME, 2016). Assim sendo, a análise dessas relações socioculturais entre estrangeiros e luso-brasileiros com famílias originárias na província, numa escala mais micro analítica, parece ser algo ainda aberto a novas investigações. O presente texto busca oferecer dados quantitativos a respeito do fluxo de estrangeiros para uma única cidade da época (Pelotas) e tem como finalidade contribuir com o tema, oferecendo possibilidades de análise e comparações.

Pelotas era muito mais do que um núcleo charqueador e não estava polarizada entre os senhores da carne e seus escravos. No final dos anos 1870, o município possuía quase 30 mil habi-

¹ As ideias desenvolvidas neste texto são fruto de minha Tese de Doutorado e foram parcialmente publicadas em VARGAS (2016).

tantes e a cidade havia se tornado o cenário de um grande número de profissionais de diferentes áreas, atingindo um notável grau de desenvolvimento econômico e cultural para os padrões da província sul-rio-grandense. Tal incremento socioeconômico atraiu muitas pessoas para a localidade e, dentre elas, imigrantes vindos de diferentes partes do mundo atlântico. O notável fluxo de estrangeiros no espaço urbano da cidade contribuiu com a própria formação social da mesma, influenciando no *ethos* da sua principal elite: os charqueadores e suas famílias. Contudo, seria equivocada pensar tal processo sem a complexidade que o mesmo exige. Ao mesmo tempo em que as elites pelotenses valorizavam a cultura europeia e interagiam com lideranças estrangeiras com fins de capitalizar os bens materiais e imateriais decorrentes de tais relações, estes, enquanto *outsiders* em tal contexto, também tinham nas possíveis relações sociais com a elite pelotense estabelecida uma forma de ascender e ocupar espaços sociais cuja entrada era mais dificultada. Em suma, estratégias sociais permeadas por uma racionalidade limitada e seletiva, colocavam em contato os diversos agentes naquele contexto e, jogando com os recursos disponíveis, num emaranhado de relações que podiam ser tanto amistosas como conflituosas, os imigrantes distribuíram-se nos muitos estratos que compunham aquela sociedade afetando-a de maneira determinante.

A cidade de Pelotas na rota das migrações atlânticas do oitocentos

Apesar das já conhecidas limitações que envolvem o Censo Geral de 1872 (BOTELHO, 1998; MONASTÉRIO, 2004), ele é o documento mais abrangente no que diz respeito ao total da população da época, já que, comparado a outras fontes, os seus indicadores não excluem escravos, mulheres, crianças e idosos.² No en-

² Censo Geral de 1872 (disponível em: <http://www.ibge.gov.br>).

tanto, Pelotas constitui-se num caso diverso da maioria dos municípios rio-grandenses recenseados na época, uma vez que uma de suas quatro paróquias não teve os seus dados populacionais arrolados. Por conta disto, e de sub-registros ocorridos no recenseamento, a população escrava do município foi bastante subestimada.³ Somando as estatísticas das três paróquias recenseadas tem-se um total de 21.258 habitantes, sendo que a de São Francisco de Paula, com 14.762 almas, era responsável por mais de 2/3 deste total. Contudo, apesar dos problemas desta fonte, creio que os dados contidos no censo são bastante favoráveis para o estudo da mencionada paróquia – que era a que concentrava todos os habitantes da cidade e de seus subúrbios próximos. Além do mais, como o presente texto busca investigar o fluxo da população estrangeira livre na cidade, tais problemas não afetam drasticamente a análise.

De acordo com o Censo, a paróquia de São Francisco de Paula possuía 12.376 habitantes livres, sendo 6.799 homens e 5.577 mulheres. Deste grupo, 9.021 foram classificados como brancos, 1.347 como pardos, 1.848 como pretos e 160 como caboclos.⁴ Comparando estes dados com os do recenseamento realizado no 1º distrito de Pelotas cerca de 40 anos antes, percebe-se que a sua paróquia mais urbana alterou significativamente o seu perfil social. Entre 1833 e 1872, a população total (livre e escrava) residente na localidade mais urbana de Pelotas aumentou de 4.707 para 14.762 pessoas. Se os dados referentes aos escravos estiverem corretos, o número de cativos teria aumentado de 2.202 para 2.386. No entanto, como a população livre cresceu bastante, o percentual de

³ De acordo com o Censo de 1872, as três paróquias recenseadas somariam 3.590 escravos. No entanto, o registro de matrículas de escravos para o ano de 1873 marcou 8.141 cativos, ou seja, mais do que o dobro recenseado. Para maiores detalhes destes dados, ver VARGAS (2012).

⁴ Somados os livres com os escravos, a população classificada como preta era de 3.167 e parda de 2.404. Entretanto, como o número de escravos da paróquia parece estar sub-representado, é possível que a população de cor ultrapassasse os 6 mil habitantes. Novos estudos podem iluminar melhor estes dados.

escravos teria caído de 46,8% para 16,2%, mas é provável que a queda tenha sido um pouco menor, visto o já comentado sub-registro de escravos no censo.

No que diz respeito à cor dos seus habitantes, se em 1833 o percentual da população classificada como branca e residente na vila era de 43,3%, em 1872, conforme o indicado acima, ela saltou para 72,7%. Apesar do número de escravos ter continuado crescendo no município de Pelotas até meados da década de 1870 é notável que a população branca aumentou em taxas maiores. Um dos motivos deste fenômeno, comum em todo o Brasil, foi a extinção do tráfico atlântico em 1850. No entanto, este *branqueamento* urbano, ao menos na cidade de Pelotas, também se explica pela expressiva entrada de imigrantes na urbe.⁵ O desenvolvimento econômico da região atraiu pessoas de diversas partes da província, de outras regiões do Império, mas, sobretudo, de outros países. Se em 1833 somente 6,3% dos moradores da vila foram identificados como estrangeiros, em 1872 a paróquia urbana contava com 20,4% do total da população formada pelos mesmos. Calculando estes dados somente entre a população livre, os mesmos índices teriam aumentado de 11,9% para 24,4%.

Em números absolutos, foi um salto de 299 para 3.009 pessoas estrangeiras em menos de 40 anos e num intervalo de tempo que ainda contou com uma longa guerra civil (1835-1845), ocasião em que muitas pessoas retiraram-se da localidade. Contudo, destes 3.009 estrangeiros, 361 eram africanos livres, diminuindo um pouco a presença dos europeus e americanos brancos no espaço urbano. Mesmo assim, para uma pequena cidade como Pelotas, o aumento do número de estrangeiros em cerca de 9 vezes num intervalo de 4 décadas deve ter resultado num impacto signi-

⁵ Embora a população escrava e a população livre de Pelotas tenham crescido entre os anos 1830 e 1870, o percentual dos cativos em relação ao total caiu bastante. Em 1833, 51% da população pelotense era cativa, enquanto que, em 1858, este índice já havia caído para 37,1% e, em 1872, é provável que tenha ficado entre 30% e 33%.

ficativo naquele espaço urbano. Excetuando as regiões de colonização alemã da Província, o percentual de estrangeiros entre os habitantes livres da cidade de Pelotas só era inferior à Rio Grande (28,8%) e Itaqui (25,6%) – ambas cidades mercantis, o que explica esta concentração de estrangeiros.⁶ Na cidade do Rio de Janeiro, em 1890, cerca de 30% da população era estrangeira, sendo que 70% destes eram portugueses (CARVALHO, 2009, p. 79). Nesta época, em outras capitais de província e grandes cidades do Império o índice de estrangeiros era bem menor.⁷ Mesmo que em proporções populacionais muito menores, Pelotas parecia-se mais com a Corte – no que diz respeito à população estrangeira da cidade – do que com as principais capitais do Império.

Portanto, por volta do meado do século, do ponto de vista das migrações em escala global, Pelotas havia se tornado uma das inúmeras localidades das Américas que receberam europeus em seu território. Conforme René Remond, a emigração de europeus no século XIX foi um dos “grandes fatos demográficos do mundo”. Entre 1815 e 1914, a população da Europa cresceu em altos índices, ultrapassando o seu dobro. Em 1800, por exemplo, ela possuía 187 milhões de pessoas e, em 1900, tinha ultrapassado os 400 milhões. As consequências sociais deste crescimento demográfico associado a momentos de crise econômica e política foram o pauperismo, o desemprego crônico e a baixa dos salários, levando parte de sua população a migrar para terras que prometiam uma vida melhor. O grosso da emigração europeia, portanto, foi constituído principalmente “de camponeses sem terra, de operários sem trabalho e de burgueses arruinados” e os países que

⁶ Embora Rio Grande possuísse o único porto marítimo da Província, Itaqui, no outro extremo da província, também possuía uma importante comunidade de comerciantes estrangeiros que, por meio do rio Uruguai, movimentava amplos negócios com os países do Prata (VOLKMER, 2013).

⁷ Nas paróquias urbanas de São Paulo (Sé, Santa Efigênia e Consolação) este índice era de 11,8% entre os habitantes livres. Em Recife, era de 6%, em São Luis, no Maranhão, era de 6,8%, em Salvador, era 5,8% e em Ouro Preto era 3,3% (Censo geral de 1872. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>).

contribuíram mais com este fluxo foram os mais atingidos pela falta de trabalho e pela miséria. Calcula-se em cerca de 13 milhões o número de europeus que se expatriaram entre 1840 e 1880. A mesma cifra voltou a emigrar num intervalo de tempo menor (1880 a 1900). A partir de 1900, o índice era de 1 milhão de pessoas por ano dos que partiam somente para os Estados Unidos. No total, não é exagero afirmar que cerca de 60 milhões deixaram a Europa para estabelecer-se em outros continentes além-mar. Mais da metade foi para os Estados Unidos e cerca de 8 milhões migraram para a América do Sul (REMOND, 1990, p. 197-199).

Segundo David Eltis, a partir de 1820, as migrações por todas as partes do mundo tomaram um perfil cada vez mais voluntário, substituindo a era das migrações forçadas (ELTIS, 2003). No Brasil, ao mesmo tempo em que se intensificava o processo de imigração europeia, sob incentivo das autoridades imperiais e provinciais, a longa história da entrada de cativos africanos estava com seus dias contados. Tratavam-se de dois ciclos migratórios distintos (o primeiro voluntário e o segundo forçado) que caracterizaram a formação do mundo atlântico entre os séculos XVI e XIX. Pelotas participou de ambos os fluxos migratórios, recebendo um grande número de africanos na primeira metade do século XIX e um significativo contingente de europeus (portugueses e não portugueses) em todo o oitocentos, mas, sobretudo, a partir dos anos 1850. Portanto, estudar a imigração para Pelotas é estudar os fluxos migratórios que caracterizaram o período em diferentes partes do mundo Atlântico, oferecendo um exemplo de como se deu a interação social entre pelotenses (ou pessoas estabelecidos há bastante tempo no município) e estrangeiros numa escala microanalítica.

Considerações sobre a imigração e o fluxo de estrangeiros em Pelotas

Para se ter uma maior dimensão da circulação e entrada de estrangeiros em Pelotas seria necessário saber qual o perfil desta população flutuante que chegava anualmente na cidade, vindo a

estabelecer-se nela ou não. Uma das documentações mais eloquentes com relação à tal fenômeno são os passaportes policiais emitidos aos estrangeiros entrados na cidade. A lista mais completa que localizei com relação aos mesmos reúne todos os que entraram na cidade ao longo do ano de 1855. Este documento apresenta o nome de 481 pessoas e arrola a sua nacionalidade, idade, estado civil, profissão e local de procedência.⁸ Entretanto, esta fonte apresenta uma sub-representação do fluxo de pessoas, pois entre os listados não há nenhuma mulher (apesar de 18,2% dos indivíduos fichados serem casados). Outro problema do documento é que ele não revela o motivo pelo qual os recém-chegados estavam na cidade, não sendo possível saber se vinham provisoriamente, se estavam de passagem para outro município ou se desejavam estabelecer-se em Pelotas. É provável que todos estes, além de outros, fizessem parte do repertório de motivações do grupo listado.

Analisando os dados do documento, percebe-se que cerca de 59% dos indivíduos listados eram portugueses. Entre eles é possível verificar um número diversificado de profissionais. Caixeiros, sapateiros, alfaiates, chapeleiros, mascates, comerciantes, trabalhadores, barbeiros, marceneiros, carpinteiros, ferreiros, tanoeiros, pedreiros, oleiros, entre outros. Pelos seus ofícios não é difícil perceber que se tratavam de indivíduos de poucas posses. A migração de portugueses para o Brasil manteve altos e baixos e foi constante até o século XX. A facilidade da língua e a presença de parentes nestas terras encorajava a travessia dos migrantes (CAVAZZANI, 2014; SCOTT, 2001). Além de Portugal, mais 22 lugares formavam os outros 41%.⁹ Os franceses são os segundos mais numerosos (8,5%), seguidos pelos espanhóis (8%), alemães

⁸ Lista de estrangeiros que receberam passaporte policial. Fundo *Polícia*, Pelotas, Maço 15, AHRs.

⁹ Para alguns lugares como Espanha e Uruguai são citadas as cidades de onde o listado nasceu e não o país. O mesmo é percebido para Alemanha e Itália, que ainda não possuíam um estado nacional unificado.

(6,5%), uruguaios (6%) e italianos (5,2%). O restante reunia ingleses, norte-americanos, irlandeses, dinamarqueses, suíços, suecos, argentinos, paraguaios e austríacos.

Outro item importante é o que se refere à procedência dos indivíduos. A grande maioria destes estrangeiros (77,5%) vinha de Rio Grande, o que não causa surpresa, pois o porto marítimo que concentrava a entrada de pessoas vindas do além-mar localizava-se nesta cidade. O interessante talvez seja que 22,5% vinham para Pelotas partindo de outras localidades, o que evidencia que este deslocamento não se dava somente por vias marítimas, mas também pela navegação fluvial e pelas precárias estradas que levavam até o polo charqueador. Assim, encontram-se entre os locais de procedência o Uruguai (8,5%) e a Argentina (0,5%), além de estrangeiros vindos da região da campanha (4,2%), da vizinha Jaguarão (3,8%), de outros municípios próximos como Piratini, Canguçu e Camaquã, e dos próprios distritos rurais de Pelotas. A diversidade destes estrangeiros que vinham do interior da província era grande. De Bagé, por exemplo, temos um saboneiro alemão de 48 anos; de Camaquã, um lavrador da Galiza, 46 anos; de Livramento um austríaco que era afilador; de Jaguarão um italiano vitrificador, casado e com 33 anos; da “Campanha”, um francês curtidor, casado e com 30 anos, além de um menino espanhol de 14 anos, que era carreteiro, entre tantos outros. Portanto, quando se estuda a imigração é importante ter em mente que muitos indivíduos continuavam praticando um deslocamento interno, de cidade para cidade, em busca de meios de sobrevivência, não vinculando-se, necessariamente, à localidade de desembarque.

Com relação às profissões foram localizados 60 ofícios diversos. O grupo mais expressivo era formado pelos caixeiros (23%), seguido pelos trabalhadores (12,8%) e comerciantes (9,3%). Estes números revelam que muitos vinham vender e comprar mercadorias, além de pagar e cobrar parceiros de negócios ou mandavam seus caixeiros realizar tais tarefas. Outros vinham buscar trabalhos eventuais podendo então fixar-se na região. Entretanto, uma boa parte dos estrangeiros exercia ofícios mecânicos e artesanais

diversos. A lista é longa e reunia trabalhadores ligados ao ramo das navegações [armeiro (1), calafate (1), marinheiro (2), veleiro (2)), aos ofícios artesanais envolvendo couro, madeira, metais e outros materiais (abridor (2), alfaiate (22), cadeireiro (2), carpinteiro (22), chapeleiro (6), charuteiro (3), correeiro (4), ferreiro (19), marceneiro (13), ourives (12), afiador (1), curtidor (3), saboneiro (4), penteeiro (1), sapateiro (25), tanoeiro (6)), aos serviços nas charqueadas ou estâncias (campeiro (3), capataz (1), descarnador (1), graxeiro (2), peão (4)), aos serviços na lavoura (lavrador (14), roceiro (2), chacareiro (1), serrador (2)), aos ofícios ligados à construção civil (oleiro (2), pedreiro (6), pintor (1), vitrificador (1)), ao setor de transportes de cargas (carreteiro (9), carretilheiro (1)), às profissões liberais (cirurgião (1), música (3), violeiro (1), escritor (1)) e à prestação de serviços diversos (açougueiro (3), aguadeiro (1), barbeiro (4), cozinheiro (6), figurista (1), padeiro (5), taberneiro (1)], entre outros. Relacionando a nacionalidade com o tipo de ofício listado é possível verificar algumas especializações. Os cadeireiros eram italianos e os barbeiros, chapeleiros e charuteiros portugueses. Praticamente todos os alfaiates eram portugueses, metade do grupo dos 19 ferreiros era composto por franceses e a maioria dos saboneiros eram formada por alemães. Todos os campeiros eram uruguaios e a maioria dos carreteiros e peões também era do Estado Oriental. Tais dados além de revelarem uma interessante relação entre profissão e nacionalidade, convergem com o informado por Joel Serrão, ou seja, o grosso da emigração portuguesa para o Brasil na segunda metade do século XIX era formada por pobres trabalhadores rurais e urbanos (SERRÃO, 1970).

A faixa etária dos estrangeiros variava, abarcando crianças de 10 anos até idosos na casa dos 60 anos. Cerca de 58,5% dos estrangeiros possuía entre 16 e 30 anos, demonstrando que este fluxo era majoritariamente de pessoas jovens. O grupo mais representativo era formado pelos caixeiros portugueses entre 10 e 20 anos, provenientes de Rio Grande. Eles perfaziam 14% dos listados. Conforme Ana Sílvia Scott, ao analisar a emigração portuguesa para o Brasil, foi comum a vinda de caixeiros integrados

a redes mercantis e de parentesco transatlântica (SCOTT, 2001, p. 3; ROWLAND, 1998). Além disso, os dados da lista de 1855 combinam com o perfil da população estrangeira recenseada em 1872. Ou seja, descontados os 361 africanos que foram classificados como estrangeiros livres – sem dúvida um número expressivo – os 2.648 restantes estavam divididos em: 1.495 portugueses, 323 alemães, 256 uruguaios, 201 franceses, 115 espanhóis, 84 italianos e 68 ingleses, apenas para ficar entre os grupos mais representativos.¹⁰ É importante lembrar que estes eram os que residiam no espaço mais urbano de Pelotas. Os distritos rurais do município também concentravam significativos contingentes de estrangeiros, sobretudo, europeus.

Tendo em vista que a imigração que marcou o meado do oitocentos reunia principalmente homens jovens e adultos, como demonstram os passaportes policiais de 1855, o índice de estrangeiros entre a população adulta da cidade de Pelotas devia ser ainda maior. De acordo com os dados relativos à paróquia de São Francisco de Paula em 1872, a população masculina e livre classificada como branca e com idade entre 11 e 70 anos somava 4.252 pessoas. Ora, se o número de estrangeiros do sexo masculino era de 2.443 e praticamente todos estavam nesta mesma faixa etária, é provável que mais da metade dos homens adultos livres residentes no espaço urbano pelotense fosse formada por estrangeiros! Trazendo ofícios e conhecimentos de outras partes do mundo, estes homens moviam-se pela cidade contribuindo com serviços cotidianos indispensáveis para a população local, envolvendo-se com todas as camadas sociais da localidade, além de ocuparem-se de grande parte da indústria, comércio e artesanato da urbe.

Através do censo de 1872 pode-se verificar como os habitantes da paróquia de São Francisco de Paula foram classificados no que diz respeito às suas atividades econômicas. Dos 12.376

¹⁰ O restante era formado por paraguaios (62), argentinos (16), suíços (9), austríacos (7), gregos (3), dinamarqueses (2), holandeses (2), norte-americanos (2), suecos (2) e boliviano (1).

habitantes livres da paróquia, 6.063 foram qualificados como “sem profissão”. Monastério e Zell esclareceram que o alto número destes “sem profissão” deve-se ao fato das crianças terem sido incluídas neste grupo (MONASTÉRIO; ZELL, 2004). No caso de Pelotas, a população com 15 anos ou menos somava 3.513 habitantes. Talvez uma parte dos indivíduos entre 16 e 20 anos, e que somavam 1.299 moradores, também tenha sido qualificada no grupo citado por não exercer funções que se enquadrassem nas outras categorias do censo. Contudo, entre os “sem profissão” estão 1.136 pessoas casadas ou viúvas, o que indica que eram adultas. Destas, 994 eram mulheres. Portanto, é possível que muitas delas deviam ser “donas de casa”, o que aos olhos dos censores poderia fazer parte do grupo “sem profissão”. A parcela restante dos “sem profissão” parecia incluir os considerados “inválidos”, os muito pobres e uma parte dos que viviam de suas agências.

A análise que se segue inclui, portanto, os 6.313 habitantes livres e adultos que possuíam alguma profissão reconhecida pelo censo (4.435 homens e 1.878 mulheres). As mulheres pelotenses exerciam um número bem menor de atividades econômicas e profissionais se comparadas aos homens. As principais ocupações femininas eram a de “serviço doméstico”, que contava com 882 mulheres, e a de “costureira”, que reunia 668 delas. Portanto, cerca de 82,5% das mulheres livres com profissão foram classificadas como costureiras ou serviços domésticos. Destas, $\frac{3}{4}$ eram solteiras. Desconheço se outras atividades foram condensadas na categoria “costureira” (visto o seu alto índice de 35,5% das mulheres com profissão). É um contingente enorme de trabalhadoras que permanece invisível esperando por algum estudo específico. As outras mulheres foram classificadas como capitalistas e proprietárias (91), comerciantes (70), artistas (34) e professoras (14). A única categoria em que as mulheres estrangeiras conseguiram superar as brasileiras foi na de “artistas”.

Entre os homens, a categoria “comerciantes, guarda-livros e caixeiros” apresentava 1.255 indivíduos ou 28,3% dos homens

livres com profissão.¹¹ Dos homens deste grupo, 59% eram estrangeiros. Outro grupo com representação significativa eram os operários das “produções manuais ou mecânicas” que reunia 1.000 homens. Eram 156 operários em metais, 398 em madeiras, 84 em couros e peles, 36 em chapéus, 5 em mineração e 321 em calçados. Nestas profissões, 67% dos homens eram estrangeiros. Os artistas reuniam 530 homens livres, sendo 61% de estrangeiros. Penso que a diferença deste grupo de operários para com os “artistas” é que aqueles eram assalariados e, portanto, não trabalhavam por conta própria. O grupo dos “manufatores e fabricantes” compunha 250 homens. A grande maioria, ou 87,3% deles, eram estrangeiros. É possível que muitos fossem patrões dos operários citados.

A descrição de algumas indústrias existentes em Pelotas neste período ajuda a colorir os números apresentados. Conforme Fernando Osório, entre 1835 e 1912, podia-se contar em torno de 6 mil firmas que apareceram e giraram na cidade. Em 1910, existiam 188 fábricas, 278 oficinas e 822 casas de negócio diversas. Entretanto, até a década de 1870, não existiam muitas. Em 1845, o francês Carlos Ruelle fundou a primeira fábrica de seges e carros, que, em 1865, recebeu a visita do Imperador D. Pedro II. Também em 1845, João Barcellos fundou uma chapelaria e 3 anos depois, Antônio Lopes dos Santos abriu sua Loja de Ourivesaria. Em 1855, Diogo Higgins fundou uma oficina para consertar instrumentos musicais. Em 1860, José Gonçalves estabeleceu uma Latoaria na cidade e em 1864, Frederico Lang fundou uma fábrica de sabão. O autor ainda cita outros estabelecimentos como olarias, fábricas de anil, de papel, de louças e carnes em conserva (OSÓRIO, 1997, p. 141-142).

No entanto, foi a partir dos anos 1870 que as indústrias e companhias fabris começaram a se proliferar por Pelotas. Marcos dos Anjos verificou um grande número de novas fábricas de fumo,

¹¹ Este índice converge com o encontrado para o total da categoria “comércio” na lista dos estrangeiros entrados na cidade de Pelotas em 1855 (28%) e da lista de qualificação de votantes de Pelotas de 1865 (23%).

de sabão e velas, de cerveja, de chapéus, de curtição e de massas, entre outras. Das 38 que foram registradas na Junta Comercial, mais de 52% pertenciam a estrangeiros e 26% possuíam um dos sócios estrangeiro. Estes dados vão ao encontro dos percentuais do Censo de 1872, uma vez que entre os fabricantes, os operários especializados, os manufatores e os artistas, a maior parte era composta por estrangeiros. Somados aos índices dos comerciantes, é possível inferir que estas eram as ocupações econômicas mais acesadas pelos mesmos. Estes estrangeiros eram na sua maioria homens de setores médios e subalternos, destacando-se socialmente pela sua inventividade e iniciativa nestes setores econômicos. Uma pequena parte deles chegou a possuir riqueza e prestígio social considerável (ANJOS, 1996; VARGAS, 2016).

Conforme Anjos, que realizou uma rigorosa pesquisa nos periódicos pelotenses da época, estes estrangeiros, sobretudo os europeus, colaboraram profundamente com a modernização da cidade de Pelotas. Entre os mesmos, uma série de engenheiros e arquitetos contribuíram com projetos na área da urbanização, iluminação, redes de esgoto e abastecimento de água, entre outros. Datam do início dos anos 1870, a formação da Companhia Hidráulica Pelotense, o início do trânsito de carros de passageiros realizado pela Companhia Ferro Carril e Cais de Pelotas e a construção da estação férrea. Além disso, um outro grande número de europeus também formava um contingente que permanecia por algumas temporadas atuando em diferentes áreas, para depois seguir viagem por outras cidades da América. Na área cultural e artística, por exemplo, diversas companhias teatrais, pintores e fotógrafos estrangeiros enchiam as páginas dos jornais da cidade de anúncios e arrebatavam importante clientela. Professores de piano, de línguas, de etiquetas e empregados em escolas particulares também tinham um importante espaço (ANJOS, 1996, p. 36-37; 84-95; 102-103).¹²

¹² Os italianos dominavam o ramo da hotelaria e, na Santa Casa e em clínicas particulares, vários médicos europeus exerceram a sua profissão. Para uma análise da imigração italiana em Pelotas ver POMATTI (2011).

Neste sentido, Pelotas apenas acompanhava uma tendência das principais cidades do mundo ocidental. Com o maior desenvolvimento do capitalismo, a vida das pessoas foi gradualmente sendo deslocada para as cidades. No início do século XIX, gigantes como Londres e Paris possuíam respectivamente 1 milhão e 500 mil habitantes. Contudo, estas eram dimensões excepcionais para a época, pois, na Europa, somente estas duas cidades ultrapassavam os 500 mil habitantes. No entanto, cerca de cem anos depois, em 1913, este número já havia chegado a 149. Esta maior urbanização colaborou com a disseminação do estilo de vida burguês, a ampliação dos meios de comunicação e transportes, a circulação de novas ideias de ciência e progresso e tudo isso afetou consideravelmente a vida nas grandes cidades europeias e americanas. Mas apesar deste novo protagonismo das cidades, a grande maioria da população mundial ainda era rural. Na própria Europa, em 1913, somente 15% dos europeus moravam em cidades (REMOND, 1990, p. 137). Neste contexto, se Pelotas possuía uma população urbana importante se comparada à grande maioria das cidades do Império, chegando a 15 mil nos anos 1870, diante das grandes capitais ela era uma pequena vila, pois nesta época a cidade do Rio de Janeiro possuía 275 mil habitantes, Salvador 130 mil e Recife mais de 115 mil. Num patamar inferior, apresentavam-se, entre outras, São Paulo com pouco mais de 30 mil e Porto Alegre com cerca de 25 mil.

Na medida em que as cidades cresciam juntamente com a sua população, a demanda por gêneros alimentícios também aumentava. A partir da segunda metade do século, os distritos rurais de Pelotas foram alvo de intensa especulação e mais de 60 colônias agrícolas foram fundadas entre os anos 1860 e 1890. As elites possuidoras de terras na Serra dos Tapes foram as que mais investiram nestes negócios e os charqueadores e seus familiares tiveram um papel de destaque neste processo. Em 1869, por exemplo, Custódio Gonçalves Belchior, fundou a colônia Santa Silvana e, em 1889, Heleodoro de Azevedo e Souza deu o nome de Santa Eulália à colônia que criou. Os colonos possuíam origens

diversas. Em 1848, a colônia D. Pedro II, cujo maior acionista era o charqueador Antônio Rafael dos Anjos, era formada por irlandeses e ingleses. Anos mais tarde, a colônia São Feliciano, teve nos franceses os seus primeiros imigrantes. A colônia São Lourenço, a mais conhecida de todas, era formada por famílias germânicas (ANJOS, 1996, p. 44-49; 60).¹³

No entanto, uma parte da elite pelotense entendia que a vinda de colonos para o trabalho agrícola não era suficiente para o desenvolvimento da cidade. Em 1861, um charqueador escreveu ao presidente da Província, esboçando que desejava também a “vinda de outros colonos senão científicos, inteligentes, como até com capitais, na certeza de que na Pátria a adotarem deparariam com meios infalíveis de felicitarem suas proles”.¹⁴ Neste sentido, conforme Anjos, alguns pelotenses defendiam, por intermédio da imprensa, a ideia de que os europeus deveriam trazer a sua inteligência para além do trabalho agrícola, exercendo os seus ofícios e saberes como se estivessem nos seus países de origem. Para isso, era preciso criar indústrias e oferecer o suporte necessário para que eles executassem as suas atividades (ANJOS, 1996, p. 52-53). E, de fato, aproveitando-se deste estímulo local, os estrangeiros passaram a participar cada vez mais da vida urbana pelotense, onde pareciam sentir-se muito à vontade, visto que não eram poucos:

Determinados meses do ano caracterizavam-se por uma expressiva atuação das sociedades estrangeiras radicadas em Pelotas, em especial as italianas, francesas e portuguesas. Nos meses de setembro, os italianos comemoravam a unificação italiana, nos meses de julho, o dia 14 não passava despercebido pelos franceses e, no 1º de dezembro, os portugueses

¹³ Outros investidores seguiram o exemplo, como os herdeiros do charqueador Domingos de Castro Antiqueira (Colônia São Domingos, 1875), José Bento de Campos (Colônia Santo Bento, 1899), Manoel Batista Teixeira (Colônia Santa Áurea, 1893), Pedro Nunes Batista (Colônia São Pedro), Epaminondas Piratinino de Almeida (Colônia Santa Bernardina e Colônia São Domingos).

¹⁴ Carta de Domingos José de Almeida ao presidente da Província do Rio Grande do Sul. Pelotas, 04.10.1861. Anais do Arquivo Histórico do RS, CV-686, p. 154.

festejavam a restauração monárquica. Os jornais noticiavam as festividades, que variavam de seletas e íntimas reuniões a grandes desfiles pelas ruas, com direito a fogos de artifício, batismo de estandartes e calorosos discursos, onde o orador estrangeiro enaltecia a pátria natal e bendizia o país hospedeiro (ANJOS, 1996, p. 89).

Portanto, os europeus formavam comunidades reconhecidas localmente, onde seus costumes, festas e identidades coletivas eram mantidos a partir da organização de associações e sociedades diversas. Conforme Anjos, “as associações de elementos de uma mesma nacionalidade se materializavam, em especial, através da criação de sociedades beneficentes e de auxílio mútuo, mas também esportivas, literárias e educacionais”. Nelas, “o estrangeiro, além de labutar por objetivos concretos, participava da elaboração de uma identidade cultural ímpar”. Neste sentido, seus laços com sua terra natal jamais eram desfeitos e os acontecimentos políticos do velho continente eram acompanhados mesmo do outro lado do Atlântico.¹⁵

No mencionado contexto, não demorou muito, também surgiram jornais em sua própria língua, como o italiano “Il Venti Settembre”, de Carlos Cantaluppi, e o alemão “Deutsche Presse” (ANJOS, 1996, p. 89; 112). Isto também ajuda a explicar a grande importância que os jornalistas pelotenses davam à cultura,

¹⁵ “Apesar de distantes de seus países de origem, os estrangeiros continuavam ligados a eles por fortes laços de subordinação, veneração e por afetos familiares. Através das entidades coletivas organizadas, o contato com a pátria mãe e a atuação frente a episódios de repercussão internacional tornava-se mais fácil, propiciando, àqueles estrangeiros envolvidos, um reforço positivo no íntimo de suas cidadanias enfraquecidas. Assim, em 1878, a comunidade francesa compadeceu-se pela morte de Thiers; em 1883, a comunidade alemã da cidade uniu-se na tentativa de amenizar o sofrimento das vítimas das inundações e do inverno cruel que abalara a Alemanha naqueles anos; em 1890, os portugueses em Pelotas fizeram subscrições e angariaram fundos para serem remetidos a Portugal, caso houvesse um conflito com a Inglaterra (questão da Zambesia); e, durante o ano de 1898, a ‘colônia espanhola’ mobilizou-se na formação de uma ‘Liga Patriótica’ para angariar donativos a serem enviados ao governo da Espanha, que se encontrava em guerra com os Estados Unidos” (ANJOS, 1996, p. 90).

economia e política internacional nas primeiras páginas de seus periódicos. Não é difícil imaginar que a elite pelotense devia compartilhar de parte destas informações e debates com os estrangeiros mais notáveis nos clubes, bailes, cafês, jantares e nas praças da cidade.

Se a população de Pelotas e as dimensões de sua cidade eram bem menores que as demais capitais brasileiras citadas anteriormente, mas a proporção de estrangeiros era maior que a das mesmas cidades (com exceção do Rio de Janeiro), é provável que, no seu cotidiano, os pelotenses que circulavam pelas ruas da urbe mantinham um contato muito mais próximo com os europeus que compartilhavam deste mesmo espaço.¹⁶ Além do mais, estabelecendo vínculos afetivos com os pelotenses, muitos deles inseriam-se nas famílias locais por meio de matrimônios e laços diversos. Eram estrangeiros que interagiam com a população pelotense, unindo-se às mulheres da terra e, ao se misturarem com os brasileiros, contribuíram para dar uma nova cara à cidade.¹⁷

No entanto, apesar da considerável importância dos estrangeiros na vida social e na sua economia, algumas atividades estavam mais restritas a sua participação. Os “capitalistas e proprietários” contidos no Censo de 1872 reuniam 97 homens, mas somente 20% eram estrangeiros. Outro exemplo pode ser dado no

¹⁶ A grande presença de estrangeiros era reconhecida pela própria população. Na edição de 20 de julho de 1884, o *Correio Mercantil* de Pelotas iniciava uma matéria sobre as Sociedades de Socorros Mútuos da seguinte forma: “Em todas as cidades populosas como a nossa, onde avulta o elemento estrangeiro, este deve congrega-se [...]” (ANJOS, 1996, p. 89).

¹⁷ É possível que muitos tenham deixado suas esposas em seus países, mas como se trata de uma população fixa e não flutuante, estes casos não devem ser muitos. Os dados do Censo de 1872 contribuem novamente para esta questão. Se entre os brasileiros o número de mulheres era maior que o de homens, entre os estrangeiros, para cada mulher havia 4 homens. Dos 2.443 estrangeiros do sexo masculino, 935 eram casados, e das 566 mulheres estrangeiras, 187 eram casadas. Portanto, havia um grande número de estrangeiros casados para um pequeno número de mulheres estrangeiras casadas. Estes dados além de revelarem que os homens migravam muito mais, demonstram que vários deles tendiam a contrair matrimônio com as mulheres da terra.

grupo dos criadores e lavradores dos subúrbios da cidade, que somavam 216 pessoas e também apresentavam 80% de brasileiros. Portanto, ainda era possível vislumbrar um grupo de “estabelecidos” na cidade, notadamente, uma parte significativa de sua elite escravista. Os estrangeiros, com exceção dos portugueses na primeira metade do século, praticamente não tiveram acesso ao restrito círculo das fábricas de charque. Cada vez mais a elite charqueadora fechava-se diante de investidores vindos de fora – algo completamente distinto do que ocorria no Rio da Prata na mesma época, onde ingleses e franceses possuíam entrada franca na indústria da carne, no comércio e na pecuária, já em moldes capitalistas.¹⁸

Contudo, o gosto que as elites pelotenses, sobretudo os charqueadores, nutriam pela novidade e pela cultura europeia não poderia deixá-los separados da comunidade imigrante que residia na cidade. Embora o lugar social dos estrangeiros estivesse bem definido, havia possibilidades dos mesmos ascenderem socialmente a partir das relações costuradas com as famílias de elite estabelecidas e foi nas atividades culturais da urbe que muitos deles conseguiram estreitar relações com as mesmas. Segundo Anjos, a alta presença de estrangeiros em todos os setores da população pelotense, na área educacional, nos meios artísticos e profissionais diversos, influenciou a transformação dos valores vigentes e as próprias concepções de vida da elite local (ANJOS, 1996, p. 61). Esta interação social ajudou a favorecer a pretensa europeização dos costumes entre as elites pelotenses. Conforme César e Cerqueira, para alguns setores da elite local esta europeização nada mais era do que uma forma de superar o estereótipo rural, de rusticidade e escravismo que poderiam ser expostos diante do olhar estrangeiro (CERQUEIRA; CESAR, 1994). De acordo com Magalhães, a civilidade e a urbanidade também contribuíram para que a elite local de Pelotas respirasse um culto exage-

¹⁸ Para uma consideração a cerca dessa diferença, ver BELL (1993).

rado às letras. E a este mesmo culto “pode-se creditar uma das fortes manifestações do bairrismo pelotense” (MAGALHÃES, 1993, p. 263). Eles se viam diferentes dos demais habitantes do interior da província criando uma tradição de superioridade de suas elites em comparação com a de outros municípios. Tal comportamento provocou reações adversas como a do viajante W. Haernisch que declarou o seguinte sobre Pelotas e sua elite: “a aristocracia que nela se fundou foi exclusivista. Ser pelotense vale para o mesmo pelotense como uma especialidade; sua terra, ou melhor, sua cidade, é o centro de todo o seu ser” (HAERNISCH, 1952, p. 85).

Diante deste exclusivismo, o mercado matrimonial visado pelas poucas famílias charqueadoras ricas tornava-se cada vez mais exigente. As alianças endogâmicas no interior da elite rio-grandense já não eram mais suficientes, pois as mesmas famílias passaram a buscar casamentos com elites de outras províncias e foi nesse espaço aberto pelas pretensões europeizantes das mencionadas famílias que os genros estrangeiros penetraram. Na primeira metade do oitocentos, o casamento do comerciante inglês Robert Barker com uma filha do charqueador Gonçalves Chaves já anunciava esta tendência. Entre os Simões Lopes, por exemplo, o comendador João S. Lopes casou o seu filho Ildefonso com a filha de Joaquim de Castro Souza Medronho, coronel no município cafeicultor de Bananal (SP). A filha de Ildefonso casou-se com o filho dos Viscondes da Penha. Na mesma família, um dos filhos do Visconde da Graça casou-se com a filha de Juan Saez de La Mazza, nobre capitalista espanhol pertencente à família do Conde de La Mazza. Os Antunes Maciel tiveram uma das mulheres da família casada com o comerciante inglês João Diogo Hartley e outra com o político cearense José Júlio Alburque Barros, o Barão de Sobral. Entre os Silva Tavares, o Dr. Francisco contraiu matrimônio com a filha de uma família paulista. A neta do Barão de Jarau, filha do Dr. Joaquim Assumpção, por sua vez, casou-se com a D. Haydée Bordagorri. O Barão de Correntes teve dois genros de famílias espanholas, o proprietário Ramon Trapaga e o

capitão Guilherme Echenique, além de de uma filha que foi morar com o marido no Rio de Janeiro (VARGAS, 2016).

As festas, os saraus e os bailes nas casas dos charqueadores e nas associações e clubes aos quais os mesmos frequentavam constituíam-se no cenário perfeito para a ostentação não apenas das jóias, das carruagens, da criadagem e do seu vestuário, sempre na moda, como das boas maneiras, hábitos e cultura letrada dos membros de suas famílias, incluindo genros de outras partes do Brasil e até da Europa. A suposta prática do mecenato e a promoção do progresso e da educação não era compartilhada por todos, mas, principalmente, por algumas das mesmas famílias dos charqueadores mais ricos de Pelotas, como os Simões Lopes, os Antunes Maciel, os Moreira, os Tavares, os Cunha, entre outros. Portanto, ocupando posições distintas nos espaços filantrópicos, educacionais, artísticos esta elite reforçava a sua dominação social sobre os demais legitimando-se, por meio de uma relação extremamente complexa, como os mais aptos a *governarem* a sua sociedade e a representá-la em outros espaços de poder (VARGAS, 2016).

Como os artistas não possuíam uma segurança mais profissional para exercerem as suas atividades, geralmente as elites pelotenses, entre as quais estavam muitos charqueadores, acolhiam seus projetos e realizações. Neste sentido, ao mesmo tempo em que recebiam pintores, poetas, escultores, professores e músicos em suas casas e sob a sua proteção, os charqueadores ofereciam um espaço de convivência para que seus filhos e filhas se sentissem atraídos pelos mesmos caminhos da arte. Conforme Cândida Rocha, os concertistas eram recebidos nas casas dos ricos e muitas vezes ensinavam suas filhas a tocarem piano, harpa e a cantar, sendo que muitos deles eram europeus. Não demorou muito e do seio destas mesmas famílias surgiram importantes artistas com renome regional e até internacional. Alice Ramos, que descendia das famílias Silveira Martins e Antunes Maciel, apresentou-se várias vezes no Teatro 7 de Abril e tinha em Chopin, Mozart e Schumann seus compositores favoritos. Maria Francis-

ca da Costa Silva, neta do coronel Anibal Antunes Maciel, também teve destaque neste meio artístico. Acostumada ao protagonismo nos saraus e salões da pequena Pelotas, também apresentou-se na Corte, onde cantou para o Imperador acompanhada do maestro Carlos Gomes. Maria Francisca foi uma das senhoras da elite rio-grandense que esteve no último Baile da Ilha Fiscal, em 1889. Contudo, Zola Amaro foi a mais famosa de todas. Neta do Visconde da Graça, tornou-se uma grande cantora de ópera, tendo se apresentado nas principais cidades da América e da Europa ao lado de grandes tenores e sob a regência dos principais maestros da época. A inserção dos familiares dos charqueadores neste espaço artístico e cultural permaneceu forte nas primeiras décadas do século XX. Em 1918, por exemplo, estavam entre os líderes da fundação e presidência do 1º Conservatório de Música de Pelotas, os senhores Dr. Francisco Simões Lopes, Francisco Gomes da Costa, Alfredo da Silva Tavares e Francisco Moreira, revelando que estes sobrenomes eram quase que onipresentes em todos os espaços sociais da cidade (ROCHA, 1979, p. 95-99; 123-134).

Neste mesmo sentido, este grupo de charqueadores não demorou a contratar pintores europeus para retratarem a si mesmo e a seus familiares. Conforme Magalhães, foi comum os membros da elite pelotense solicitarem os serviços destes artistas e alguns deles tiveram certo renome na localidade. Mariza Souza e Neiva Bohns analisaram como o prestigiado pintor Frederico Trebbi retratou os familiares dos charqueadores Barão de Butuí e Barão do Jarau, por exemplo (SOUZA; BOHNS, 2011). Conforme Magalhães, as pinturas e retratos à óleo haviam virado moda e era conveniente que os cidadãos mais respeitáveis se fizessem retratar não apenas a si mesmos como também a seus ancestrais e parentes próximos. Em janeiro de 1875, um anúncio de jornal estimulava a prática: “O retrato é hoje uma necessidade por todos reconhecida. O filho não pode negar-se a fazer retratar os seus pais, porque nada pode trazer-lhe a memória uma recordação mais agradável do que a imagem daqueles a quem deve amor e grati-

ção”.¹⁹ Como consequência disso, os charqueadores acabam proporcionando um espaço de aprendizagem para suas filhas e netas. Nas exposições de arte locais era possível apreciar o talento das moças e as técnicas que as mesmas haviam aprendido com seus professores europeus. Entre as pintoras que expunham seus trabalhos é possível verificar que pertenciam às famílias dos principais charqueadores da cidade, dos seus parentes e de outros membros da elite local, como as alunas Maria Francisca da Costa, Ambrosina Campello, Belarmina Sá de Araújo, Leocádia Tavares, Maria Marques de Souza e Alice Cunha, por exemplo (MAGALHÃES, 1993, p. 192; 207-213). Além disso, alguns destes ricos charqueadores também contrataram arquitetos italianos para projetarem os seus casarões na cidade, como Felisberto Braga, Francisco e Leopoldo Antunes Maciel (ANJOS, 1996, p. 75-76).

Considerações finais

Por mais de duas gerações, algumas famílias da elite pelotense viram a cidade transformar-se e alterar o seu perfil social diante dos seus próprios olhos. Se nas primeiras décadas do século XIX, Pelotas consistia-se numa cidade “negra”, visto a pequena proporção de habitantes brancos (1/3), a maciça entrada de imigrantes europeus ao longo do século XIX e as pretensões aristocráticas de sua elite branca alteraram bastante o perfil da população, influenciando na própria visão de mundo e no ethos desta mesma elite. Neste duplo movimento, Pelotas jamais deixou de ser uma cidade atlântica, recebendo um grande número de migrantes forçados e voluntários, das mais diversas regiões da Europa, da América e da África, desde o início da sua história. Neste sentido, as transformações ocorridas no mundo atlântico oitocentista podiam ser observadas nas próprias ruas da cidade, perante uma diversidade de línguas, de cores, de culturas.

¹⁹ Jornal do Comércio, 14 de janeiro de 1875 (Biblioteca Pública Pelotense).

Contudo, esta elite sofria de uma existência profundamente paradoxal, pois aos olhos de muitos europeus, Pelotas não representava somente luxo e dinheiro, mas também a barbárie. A origem de suas fortunas, ou seja, da mencionada riqueza que assegurava o luxo, a educação e o lazer de suas famílias era fruto de um espetáculo “horrendo”, nas palavras do inglês Herbert Smith. Neste sentido, a escravização de milhares de trabalhadores negros e a matança desenfreada de milhões de cabeças de gado contrastava com a pretensa civilidade demonstrada pelos mesmos nos espaços urbanos de sociabilidade. No mencionado contexto, a já dita pretensa civilidade era sinônimo de “cultura europeia”, a qual as elites buscavam compartilhar, vindo abrir espaços para estrangeiros que pudessem transmitir tais conhecimentos por meio de seus ofícios ou profissões. No final do período aqui estudado, os estrangeiros ocuparam principalmente os estratos intermédios da sociedade pelotense. Tal constatação pode indicar que as mencionadas alianças matrimoniais com os charqueadores não interessavam somente aos primeiros, que teriam acesso às famílias europeias, distinguindo-se socialmente em uma cidade que valorizava bastante a cultura estrangeira. Elas possuíam um duplo interesse, uma vez que inserir-se numa família da elite *estabelecida* oferecia um leque de possibilidades aos candidatos a genro estranhos àquela localidade.

Referências

- ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Dissertação de Mestrado em História. PUCRS, 1996.
- BELL, Stephen. Early industrialization in the South Atlantic: political influences on the charqueadas of Rio Grande do Sul before 1860. *Journal of Historical Geography*, n. 19, 1993, p. 399-411.
- BOTELHO, Tarcísio R. *População e nação no Brasil do século XIX*. 1998. Tese de Doutorado em História. USP, 1998.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAVAZZANI, André Luiz. *Tendo o sol por testemunha: população portuguesa na Baía de Paranaguá (c. 1750 – 1830)*. São Paulo: Alameda, 2014.

CERQUEIRA, Fábio; CÉSAR, Temístocles. Os periódicos do final do século XIX e do início do século XX e o cotidiano de Pelotas, *História em Revista*, UFPel, n. 1, 1994.

ELTIS, David. Migração e estratégia na História Global. In: FLORENTINO, Manolo; MACHADO, Cacilda (Org.). *Ensaio sobre a escravidão (1)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 13-35.

GRENDI, Edoardo. Repensar a micro-história? In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

HARNISCH, Wolfhang. *O Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1952.

LONER, Beatriz; GILL, Lorena; MAGALHÃES, Mário O. *Dicionário de História de Pelotas*. Pelotas: UFPel, 2010.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: UFPel, 1993.

MONASTERIO, Leonardo. O Rio Grande do Sul de 1872: análise setorial da ocupação nos municípios. In: *Anais do II Encontro de Economia Gaúcha*. Porto Alegre, 2004.

OSÓRIO, Fernando. *A cidade de Pelotas*. Pelotas: Armazém Literário, v. 2, 1997.

POMATTI, Angela B. *Italianos na cidade de Pelotas: doenças e práticas de cura (1890-1930)*. Dissertação de Mestrado em História. PUCRS, 2011.

REMOND, René. *O século XIX (1815-1914)*. São Paulo: Cultrix, 1990.

ROCHA, Candida Madruga da. *Um século de música erudita em Pelotas (alguns aspectos: 1827-1927)*. Dissertação de Mestrado em História. PUCRS, 1979.

ROWLAND, Robert. Velhos e novos Brasis. In: BETHENCOURT, Francisco (Org.). *História da Expansão Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998.

SCOTT, Ana Sílvia. As duas faces da imigração portuguesa para o Brasil (décadas de 1820-1930). *Anales del Congreso de Historia Económica de Zaragoza*, 2001.

SERRÃO, Joel. Conspecto histórico da emigração portuguesa. *Análise Social*, Ano 8, n. 32, 1970, p. 597-617.

SOUZA, Mariza; BOHNS, Neiva. Pinturas de retratos de Frederico Trebbi: um patrimônio cultural em risco. In: *Seminário de História da Arte – Centro de Artes*. Pelotas, UFPel, v. 1, n. 1, 2011.

VARGAS, Jonas. Das charqueadas para os cafezais? O tráfico inter-provincial de escravos envolvendo as charqueadas de Pelotas (RS) entre as décadas de 1850 e 1880. In: XAVIER, Regina L. (Org.). *Escravidão e liberdade: temas, problemas e perspectivas de análise*. São Paulo: Alameda, 2012.

VARGAS, Jonas. *Os Barões do charque e suas fortunas: um estudo sobre as elites regionais brasileiras a partir de uma análise dos charqueadores de Pelotas (RS, século XIX)*. São Leopoldo: Oikos, 2016.

VENDRAME, Máira. *O poder na aldeia: Redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre os camponeses italianos (Brasil-Itália)*. São Leopoldo/Porto Alegre: Oikos/Anpuh-RS, 2016.

VOLKMER, Márcia S. *Compatriotas franceses ocupam a fronteira: imigração e comércio na fronteira oeste do Rio Grande do Sul (segunda metade do século XIX)*. Tese de Doutorado em História. UFRGS, 2013.